

Brasília é chata...

DF

ADRIANA VASCONCELOS

Há quase 30 anos, Brasília ganha o rótulo de cidade monótona, triste e fria, sem o menor calor humano. realmente, um lugar bastante chato para aqueles que deixaram o frenético dia-a-dia dos grandes centros urbanos. Em meio a reclamações infundáveis, poucos pararam para pensar que quem faz uma cidade chata não poderia ser outra pessoa senão um chato também. E de chatos, pode-se dizer que Brasília está cheia.

Soltos pelas ruas da cidade, muitos chatos perturbam a tranquilidade de Brasília e daqueles que moram aqui por uma questão de gosto. E tem chato para todos os

lados, que o digam os caixas de banco, motoristas de ônibus, advogados, médicos ou cabeleireiros. Quase todos têm uma história de um grande ou pequeno chato para contar.

Com um perfil camuflado em um primeiro contato, o chato chega sem ser percebido e, espaçoso como ninguém, dificilmente sente que não está agradando. Uma característica, porém, é inerente à maioria deles: a enorme ou mesmo infinita vontade de reclamar. Fora isso, eles podem se dividir nos mais diversos grupos, seja o dos confidenciais (aqueles que seguram as pessoas pela lapela e falam cuspidando no ouvido) ou, por exem-

plo, o dos postulantes (composto por pessoas que sempre têm um pedido a fazer).

A chatice humana já foi retratada em livros, músicas e o que, infelizmente, não serviu para amenizá-la. Segundo o autor do Tratado Geral dos Chatos, Guilherme Figueiredo, o mundo está fadado a conviver eternamente com os chatos. No máximo, o que se pode conseguir é rarefazer a chateação circulante. Uma opção inteligente talvez seja fazer com que o chato se descubra e, assim, tente diminuir sua ação chateadora, fazendo então a humanidade mais feliz.

Mas isso é tudo teórico... Ou eu já estaria ficando chata?